

Discurso de Abertura das Conferências do Estoril 2019, na Nova SBE, Carcavelos

Sua Excelência, Senhor Presidente da República Professor Doutor Marcelo Rebelo de Sousa
Sua Excelência, Senhora Presidente da Croácia, Kolinda Grabar Kitarovic
Minhas senhoras e meus senhores,

Como vosso anfitrião, permitam-me que em nome de todos os cascalenses deixe uma calorosa saudação de boas vindas a quem nos seguem nesta sala ou em todo o mundo a partir da nossa emissão em direto.

Tenho a enorme honra e privilégio de partilhar o palco com dois chefes de Estado, de duas nações europeias, que também são dois amigos de longa data das Conferências do Estoril. Neles cumprimento e agradeço a presença dos distintos oradores que nos próximos 3 dias se reúnem neste campus da NOVA SBE, a nova casa das Conferências.

As Conferências do Estoril nasceram e cresceram em Cascais. Têm o nosso ADN de tolerância, pluralismo e diálogo franco. Mas as Conferências já não são nossas há muito tempo. Elas são dos jovens e dos ativistas.

Dos chefes de Estado e dos cientistas. Dos famosos e dos anónimos. Dos de esquerda e dos de direita. Dos do norte e do sul.

Elas são do mundo.

Ou, dito de outra forma, as Conferências projetam aquilo que, em Cascais, achamos que Portugal pode ser e dar ao mundo.

Um espaço de liberdade, de debate e de mediação da nossa humanidade comum.

As conferências são dos que acreditam.

Dos que acreditam no poder transformador dos indivíduos.

Dos que acreditam que o somatório de pequenas ações locais pode ter um grande impacto global.

São, verdadeiramente, de todos aqueles que acreditam que o mundo pode ter o governo das nossas esperanças comuns no lugar do império das nossas diferenças.

Este painel, tal como transversalmente todo o programa, insta-nos a encontrar caminhos para uma ideia de justiça global e esperanças comuns.

Hoje é um dia difícil para falar de esperanças comuns.

Quando ainda há votos a ser contados, percebemos que os povos da nossa União escolheram o mais anti-europeu de todos os parlamentos da nossa história.

A melhor e mais bela ideia que o homem político já teve, a nossa comunidade democrática de vida e de destino, está em dificuldades.

Isto não acontece por acaso.

A paixão imoderada pelos movimentos populistas e radicais é apenas o último sintoma de uma doença prolongada. Uma doença que se vem agravando há pelo menos uma década, que passou pelos estádios iniciais do colapso do centro político e da rejeição dos protagonistas políticos moderados, e que agora prossegue com o dismantelamento de alguns pilares da globalização.

A conjugação destes sintomas degradará ainda mais a ideia liberal de uma comunidade de povos capazes de partilhar a mesma ideia de paz e justiça.

Mas então, estarão as pessoas estão a perder a fé na democracia?

Há estudos famosos que suportam essa tese. A questão que nos deve inquietar é o porquê desse desencanto ao regime representativo.

Apontaria cinco razões a recessão democrática.

Primeira razão, as pessoas medem o valor da democracia pelos parâmetros errados. As preocupações dos cidadãos europeus estão concentradas em três níveis: imigração; segurança/terrorismo; economia e emprego.

A ausência de respostas por parte dos governos a estas e outras matérias é tida como um falhanço do sistema democrático quando, na verdade, é um falhanço de opções políticas. Não por acaso, são estas as áreas mais cavalgadas pelos populismos.

Quase todos os países prósperos são democracias. Mas nem a prosperidade, nem a segurança nem o controlo de fronteiras validam a proposição da democracia.

O que é produto direto da democracia é o primado da Lei e da constituição, o respeito e a defesa dos Direitos Humanos, a liberdade de iniciativa e de associação, a liberdade de voto, de informação ou de expressão. Ou, simplesmente, a liberdade de ser feliz respeitando a lei. Perdemos isso de vista nos últimos anos.

Segunda razão, e nem sequer preciso de elaborar muito sobre ela, é que a democracia é condescendente com as formas não democráticas de governo. Muitos quadros constitucionais europeus contêm, em si mesmos, as sementes da destruição democrática.

Terceira razão: como comunidade pioneira na federação dos povos, a Europa tarda em mostrar um sentido e uma visão para os cidadãos.

Todos os povos e nações da nossa União vivem melhor dentro do que fora da Europa. Todavia, ninguém em Bruxelas é capaz de contar a nossa extraordinária história comum. Em junho de 1963 um presidente americano vinha à Europa dizer: "**Ich bin ein Berliner**". Em 2019 não é fácil encontrar um britânico que diga "**Eu sou da União Europeia.**"

Quarta razão: as pessoas perderam a confiança nas instituições e nos seus concidadãos. A

democracia não é um mercado. Mas se nem os mercados, o paraíso do individualismo, vivem sem confiança, como é que as democracias que trabalham para o bem comum o podem fazer?

Quinta e última razão: é preciso acabar com a duplicidade moral. Uma ditadura não passa a ser boa em função do seu sinal político.

Uma ditadura é uma ditadura é uma ditadura. E há quem, no afã de defender a ideologia ou proteger a tática, ainda não tenha percebido a insustentabilidade da sua posição.

Trouxe a democracia ao debate porque é absolutamente evidente que sem democracia não há Justiça.

A ideia de justiça global depende de uma democracia global.

Trouxe a Europa à conversa porque se há um espaço por onde podemos começar a trabalhar as duas ideias, de democracia e justiça globais, esse espaço é a Europa.

Infelizmente, temos permitido que o vírus da ignorância alastre dentro das nossas sociedades.

Nunca estivemos tão ligados e simultaneamente tão sós.

Relacionamo-nos com mundo através de um telefone ou de um computador.

As máquinas estão a substituir as relações entre humanos.

E fora do contexto das redes sociais, as relações com os outros perderam valor e sentido, ganharam distância e frieza.

O outro passou a ser visto como estranho, o estranho como intruso e o intruso como inimigo.

Este processo de alienação pessoal, que foi acompanhado por uma grave crise financeira com consequência numa crise moral ainda maior, fez-nos indiferentes à catástrofe humanitária que algumas partes do mundo viveram - e ainda vivem.

E essa indiferença ao outro teve consequência no plano político.

Os oportunistas tiveram aqui a sua janela para explorar o medo.

De repente, em muitas latitudes, o medo deu lugar à intolerância, ao ódio e ao fanatismo.

Como é que decaímos tanto na nossa natureza humana?

Quando é que deixamos que a bondade e os nossos valores nos abandonassem?

Quando é que deixámos de nos horrorizar com o horror e aceitámos, sem consequências, o uso da violência dos Estados sobre os seus povos?

Como é que fomos passivos com violações gritantes do Direito Internacional por parte de algumas potências?

Como é que fomos tão coniventes com a globalização da indiferença ao ponto de começarmos a preferir muros no lugar das pontes?

Já que falamos em muros.... recordamos nestas conferências os 30 anos da queda do Muro de Berlim.

Esse episódio oferece-nos uma lição.

Uma lição que não podemos esquecer.

É que não há construção humana ou regime político que consiga resistir à força da liberdade e da justiça.

A vontade de poder não vale nada contra o poder da vontade.

Senhora Presidente

Senhor Presidente

Caras e caros amigos,

Histórias de libertação, de superação, de salvação e de apego ao outro têm caras e têm nomes. Podemos conhecer algumas delas aqui nas Conferências do Estoril.

Caras que, a partir de Cascais para o mundo, trilharão connosco um caminho para uma ideia de justiça global.

Se queremos um mundo mais justo, e nós acreditamos num mundo mais justo, temos de olhar por todos aqueles que foram excluídos da globalização e garantir a todos uma existência com dignidade.

Se queremos um mundo mais justo, temos de garantir que a geração dos nossos filhos herda dos seus pais um planeta mais sustentável.

Se queremos um mundo mais justo, é tempo de combater as desigualdades e as assimetrias, a corrupção, a economia da ganância e a exploração do homem.

Se queremos um mundo mais justo, e sim nós queremos e acreditamos um mundo mais justo, temos a obrigação de levar a democracia e a liberdade a todos os lugares onde haja um homem ou mulher que queira quebrar os grilhões.

Nós queremos e acreditamos num mundo mais justo.

E acreditamos que queiram acreditar connosco.

Muito obrigado e sejam bem-vindos às Conferências do Estoril.

Carlos Carreiras, Presidente da Câmara Municipal de Cascais

27 de maio de 2019